N.º 13.

Guilh. Oliveira

UMA VISITA ÀS RUINAS

DO

Real Mosteiro de Fiães

LISBOA

LIVRARIA FERREIRA

132, Rua Aurea, 138

1903

UMA VISITA ÁS RUINAS

DO

Real Mosteiro de Fiães

Guilh. Oliveira

UMA VISITA ÀS RUINAS

DO

Real Mosteiro de Fiães

LISBOA

Typographia da Sociedade «A EDITORA»

5o, Largo do Conde Barão, 5o

1903

Lisboa, 30 de Outubro de 1902.

Ex.mo e Rev.mo Sr. Padre Antonio Esteves,
Reitor de Fiães.

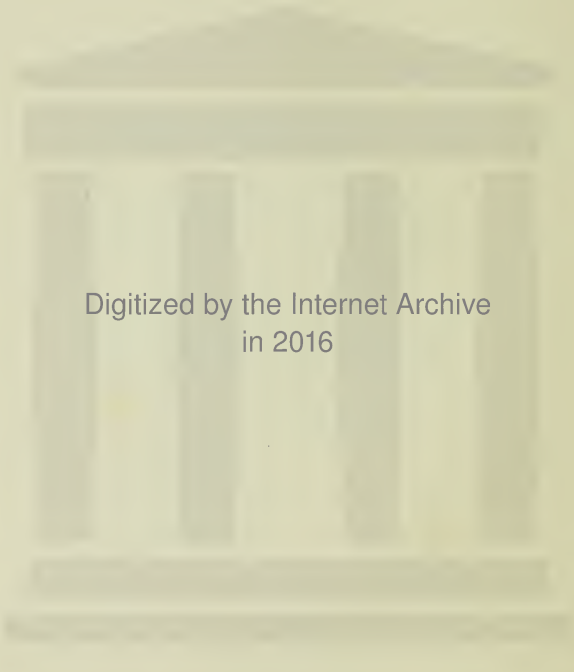
Estes, são os apontamentos sobre o mosteiro de Fiães, que me comprometti enviar a V. Ex.a, por occasião da minha visita em Setembro ultimo.

Annexei-lhes algumas impressões de viagem e os motivos que ahi me levaram, para, constituindo um folheto, poder offerecel-o a V. Ex.a como pequeno auxilio para as obras de reparação do templo que pretende realizar.

Que o consiga, são as preces, do

de V. Ex.a
mui devotado amigo

Guilh. Oliveira.



Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/umavisitaasruina00oliv

PROEMIO

Um dia, folheando ao acaso o trabalhoso diccionario de Pinho Leal, intitulado *Portugal Antigo e Moderno,* n'elle deparei e li, este emocinante trecho:

> «*Leitor, se tens um coração portuguez, se a luz divina da fé se não apagou totalmente em tua alma; se respeitas a memoria de teus passados — dos que te deram uma patria, um lar, uma familia; e se algum dia viajares pelo Alto Minho, não deixes de visitar as tristes ruinas do Convento de Fiães; e alli, qual outro Mario, contempla respeitoso estes restos venerandos da fé e piedade de nossos maiores, e chora sobre as ruinas d'este teste-*

munho de suas crenças inabalaveis.»

e em outro logar:

«*Alli, onde o incenso se elevava dia e noite em perenne adoração ao omnipotente; onde a toda a hora se ouvia o plangente som do orgão, os cantos sagrados dos religiosos e do povo; alli, refugio predilecto dos que no mundo soffriam attribulações; alli finalmente a casa de Deus, em que a piedade tinha amontoado prodigios sobre prodigios de magnificencia, de fé, de caridade — que vemos hoje?*

«*Ruinas, devastação, silencio, horror!*

«*As silvas e os cardos invadem os marmores de suas aras santas.*

«*Os reptis immundos revolvem as ossadas venerandas de varões illustres.*

«*As aves nocturnas pairam sobre as abobadas, e fazem seus ninhos*

sobre os brincados capiteis de suas columnas dez vezes seculares.»

Surprehendido com esta suggestiva linguagem, que tocava tão directamente a minha sentimentalidade, — fiz logo um voto de ir a Fiães, se algum dia visitasse essa zona previlegiada do meu paiz, – por muitos chamada: — *O jardim de Portugal.*

Iria, não para imitar o proscripto Mario, que sobre as ruinas fumegantes da cidade phenicia, chorava os extremos a que a oratoria implacavel de Catão, a tinha reduzido; — mas, para traduzir n'essas desmoronadas pedras, — uma pagina da historia do passado. (1)

(1) Nota A.

Cumprimento de um voto

Minho é o rival da Suissa, no elegante dizer do primoroso estylista D. Antonio da Costa, n'aquelle seu livro, a que deu por titulo o nome d'esta encantadora região, aonde alguns antigos quizeram que fossem os Campos Elysios; — o paraizo pagão, segundo Homero, — em que os homens gozavam uma vida doce e tranquilla.

Li que, tudo quanto a imaginação dos poetas figurou n'aquelle logar de paz e bemaventurança,—parece ser a descripção d'este formoso terreno.

Ha tambem uma perfeita comparação do Minho, com um mar, que depois de agitado pela maior das tempestades e erguido em ondas temerosas, fosse tornado, de repente, immovel pela mão do creador;

— taes e tão varios são os accidentes do solo.

Os montes e os valles que se succedem lembram as ondas enfileiradas do oceano revolto, havendo sobrepostas n'aquelles como escumas — pedrenias calvas e ermas — a solidão e o recolhimento; — e no fundo d'estes, como carinhoso leito, — as verduras e sombras; — a vida e seu ruido.

Isto, vinha-me á recordação, quando trepava pelas escarpadas serras que do Melgaço vão ter ao arruinado mosteiro de Fiães, e descobria as deliciosas paizagens que ante meus olhos surpresos se desenrolavam pelo horisonte fóra.

Lá ia eu realizar o meu mais profundo desejo; lá ia eu cumprir o meu ardente voto; lá ia eu, emfim, — vêr e apalpar essas ruinas, de cujas sentidissimas noticias historicas levava o coração replecto.

*

Na frente, o guia explicava: — Alli, em baixo, é Prado, antiga freguezia; já teve

grandes rendas; — lá está a sua capellinha. Adiante, Remoães, com os seus torreõesinhos e campanarios.

— Aquelles telhados, são do estabelecimento das aguas do Melgaço. — Veja d'aqui, como é bonita a villa, com a sua torre de menagem. Dizem que foi mandada fazer por D. Affonso Henriques; — ainda lá tem nas muralhas uma porta com o nome d'este rei, em uma pedra com mais dizeres, e a data 1170.

— Aquella cinta de muralhas, mais pequenas, é de outro rei.

— D. Diniz, talvez?

— E' isso. Já ouvi dizer.

— Estamos agora em Cavalleiros. O nome vem da quinta que pertenceu ao mosteiro.

Eu tinha noticia d'esta propriedade, a qual era essencial em vinhos, e foi doada em 1166, pela condessa D. Frovilla, em tempos do Abbade Dom João.

Ha tambem a supposição de lhe ter sido doada a egreja que lhe era junta, de Nossa Senhora da Ourada, e onde, — diziam os frades, — existiu o mosteiro de

S. Bento; fundado quando o de Fiães, de que veiu a ser priorado.

Assegura-se, — e d'isto constam vestigios, — que foi de Cavalleiros Templarios, dos quaes tomou o nome, e era seu passal.

Percebiam-se, ha annos, ruinas das cellas, claustros, e os encanamentos de pedra, que abasteciam de agua o convento.

Lá está Roussas, a egreja do antigo padroado da casa do Paço de Roussas. Era de gente valente e destemida, que se fazia respeitar por aquellas redondezas.

Viveram os abbades em demandas continuas com os de Fiães, durante seculos.

Datam de 1340, os primeiros attritos.

Em 1349, os de Roussas, quebraram os marcos que dividiam o couto, pelo que tiveram de responder.

Em 1344, com o abbade á frente, e armados, foram de noite ás terras do convento, e desmolharam as messes de um João Soutello, esbulhando os monges dos seus dizimos.

Condemnado o abbade Antonio de Castro, não houve quem tivesse coragem de

ir-lhe publicar a sentença, por ser pessoa fidalga e poderosa, e morar em logar ermo — *onde se podia fazer mau recado.*

Tomou a si, o procurador do convento fazer a citação. Acompanhado do escrivão, meirinhos e mais pessoas, foi a casa do abbade, o qual se negou, apezar de estar n'ella, como o confessou seu filho — um rapaz de dezoito annos, que encontraram a um tiro de bésta da pousada.

Proseguiram as diligencias, sem resultado, por que o abbade se homisiara abandonando a freguezia.

Então, o de Fiães, obteve do vigario geral de Braga, licença para se dizer missa na egreja do reo, e, em domingo de Ramos, notificou o filho do abbade Castro, e o povo que a enchia e era do logar.

Em 1693, um neto d'este abbade, Capitão Mór, d'accordo com o governador das armas de Melgaço, mandou os soldados praticar desmandos nas terras do couto.

Queixaram-se os frades do odio herdado que esta familia alimentava, com prejuizo do socego e tranquillidade do mosteiro — e n'esta vida levaram, os successores

de uns e de outros, até 1807, em que Francisco de Sá Sotto Maior fez novas demarcações nas terras da freguezia de Roussas, de que era abbade, terminando os processos.

Os Senhores do Paço de Roussas, — de appellido Besteiros; — de antiga familia nobre, foram attingidos pela pobreza. — As suas armas eram em campo azul, uma uma torre fumada em penhas azues, e tres béstas de ouro, uma por cima e as outras aos lados. O solar passou aos Castros, e o padroado, a Manoel Pereira, — o Mil Homens.

*

Proseguiamos, lentamente, por terras incultas.

Apesar de abundantes em aguas, só ao longe descobri raras plantações de milho ou de centeio.

No terreno accidentado ha montes a prumo, como ameaça tenebrosa á população do lugar.

Já ha annos, uma d'essas molles immensas desabou lá de cima, e veiu como

um cataclysmo medonho, destruindo na sua passagem horrorosa, casas, arvores e plantações, na direcção de uma capella da encosta.

No momento em que todos esperavam vel-a arrasada, aquella separou-se em duas que precipitaram-se pelos lados da ermida, deixando-a intacta.

Foram muitas as mortes, do que ficou sentida recordação que ainda predura, apesar do facto ter-se passado ha cerca de trinta annos.

Teem-se repetido estas deslocações, deixando sempre dolorosa reminiscencia.

Tivemos que retardar o andamento, para abrir caminho por entre rebanhos de grandes e lanzudos carneiros, de côr terrea, que pastavam, occupando enorme area que atravessamos.

Ha tempos, andou por aqui uma fera vinda das povoações gallegas, a qual devastou a freguezia.

Encontravam-se restos humanos devorados, e o povo vivia aterrado, sahindo unicamente de companhia e bem armado.

Fizeram-se varias batidas infructiferas.

Começou então o panico de attribuir á arte do demonio e á feitiçaria, esses factos; em vista do que reuniram-se os moradores dos arredores, e, depois de bem preparados, fizeram uma grande montaria em todos os sentidos, encontrando apenas uma criança maltratada pela fera, que as vaccas, que aquella guardava, providencialmente salvaram, investindo contra o feroz animal e pondo o em fuga.

Nunca mais d'elle houve indicio ou noticia.

Chamou-me a attenção, no meio da serra, —em lugar alcantilado,—uma abertura de mais de metro e meio com porta de ferro.

— Que era aquillo?

Um velho morador que passava, parou e disse, solemnemente:

— Alli, estão escondidos os thesouros dos frades. Quem lá vai, lá fica. Foi a justiça quem mandou pôr o tapamento. Andava ahi tudo maluco com as riquezas; agora acabou-se.

Oh! os informadores obzequiosos, são terriveis em toda a parte.

Em Guimarães, um mostrou-me, no castello, o logar aonde tinha morrido a rainha D. Theresa, mãi de D. Affonso Henriques.

Observando-lhe que isso se dera no de Lanhoso, — elle, condescendente, retrucou:

— Seria; porem, esta era outra.

Tambem na Egreja de Oliveira, no thesouro de Nossa Senhora, aonde estão as custodias, que dizem de Gil Vicente, e o pelote que o Mestre de Aviz, D. João, trazia na batalha de Aljubarrota, assim como o altar de prata tomado ao rei hespanhol, o informador, diante do meu pasmado aspecto, contava-me as maiores disparidades d'uma ignorancia pungente.

*

Entravamos agora no antigo couto de Fiães, situado em terrenos da Casa do Infantado. Foi confirmado em 1173, pelo rei D. Affonso Henriques, e depois por seu filho D. Sancho, e demais reis portuguezes.

Era todo dividido entre si, por marcos e confrontações, não havendo outros senhorios, que os religiosos do mosteiro.

As terras pertenceram a Affonso Paes, e seus irmãos, que as tinham doado em 1153.

N'esse tempo, eram montes incultos e despovoados, como se vê do titulo de doação — pois não falla em população mas sim em montes, *ut ibi*.

Depois erigiu o mosteiro, suas granjas e lugares dentro dos seus limites, e julga-se como certo que, quando se edificaram as aldeias, deram cartas de aforamento aos povoadores, tendo desapparecido todos os documentos d'isso existentes no archivo, com o segundo incendio havido em 1490.

D. Diniz, augmentou os privilegios já dados ao mosteiro, e protegeu os moradores do couto com a seguinte provisão:

> «*Dom Diniz, por graça de Deos, Rey de Portugal e do Algarve a vos Mem Rodrigues, meu meyrinho, mar alem Douro e a todos os*

outros meyrinhos que depois vos forem, fiquem sabendo, que o abbade de meu mosteiro de Santa Maria de Fiães, me disse por si e pelo convento d'este mosteiro, que o juiz e o concelho de Melgaço e alguns outros d'essa terra lhe fazem agora novamente muito mal e muita força entrando-lhe no seu couto, e prendendo-lhe os seus homens que ahi moram e fazendo-lhes que vão vellar a essa villa de Melgaço, e outro sim entrando-lhes nas suas granjas e nas suas honras e nos seus logares que são coutados e defezos e fazendo-lhes ahi outros muitos desagravos e passando-lhes a mais d'aquilo que uzarão no tempo de El-Rey Dom Affonso, meu pai e no meu e nos outros Reys que ante mim forão; — pedio-me que lhes alcance força por que vos mando que digaes da minha parte logo a esses juizes e concelho de Melgaço e aos outros de que se queixam que lhes não façam mal nem força no seu

couto nem nas suas granjas, nem nos seus logares nem em nenhumas das outras suas coisas e que os deixem uzar e costumar assim, como sempre uzaram e costumaram nas suas granjas e nos seus coutos e nos outros seus logares assim em meu tempo como dos Reys que ante mim forão e assim fazei que se lhes guarde e se lhes ahi fizerem força alcaide logo não soffrais a esses de Melgaço nem a outrem nenhum que lhes contra isto vá nem lhes façáo ahi mal nem força nem outros Aggravamentos de guisa que esse Abbade e convento não se me venha outra vez queixar sobre isto, com nenhum de direito vos tal não façais, somente a vos me tornarei eu por ver em tudo sobre isto cumprido meu mandado, mando a qualquer Taballião que esta carta vir que de em testemunho aos ditos Abbades e Convento ou a seu Procurador sob pena dos meus encoutos e para fazer eu e depois o que for

minha mercê aos ditos Abbade e Convento ou alguem por elles tenha esta carta. Dada em Lisboa seis de julho. El-Rey o mandou por Pedro esteves seo vassallo Martim fernandes a fes era de mil tresentos e sessenta annos.

Os moradores, cazeiros e lavradores do mosteiro de Fiães, estavam isentos de pegar em armas, por carta de D. Affonso Henriques, que mandou: — *não servissem tambem em nenhumas obras de fortificações excepto em uma quadrilha de dezoito braças nos muros de Melgaço, - ninguem podendo constrange-los para qual quer outro serviço a que não erão obrigados.*

Estes privilegios forão confirmados por D. Affonso IV, e D. João I.º o qual ordenou mais: — *que não pagassem dizimos de todo o pescado que pescassem por si ou mandassem pescar por outrem no Rio Minho.*

D. João 2.º fez mercê: — *que as pessoas moradoras dentro do couto em quanto n'elle morassem, não pagassem peitas, fintas, talhas ou pedidos ou emprestimos que*

em seu nome ou pelo seu conselho fossem lançados.

D. Duarte fez saber: — *a todos Condes Ministros, Ricos Homens, Cavalleiros, Escudeiros, Corregedores, Alcaides, Meirinhos e a todos os naturaes do Reino, que tomava debaixo de sua guarda e defendimento o Mosteiro de Santa Maria de Fiães com todos os seus homens e herdamentos, e mandou que não fossem tão ousados que lhes fizessem mal antes lhe fizessem toda a honra e ajuda que bem podessem e se algum n'algumas cousas não cumprissem lhe seria bem estranhado.*

D. Philippe I confirmou as doações, exigindo o pagamento de quarenta mil réis annuaes para a Capella Real, cedendo de todos os seus direitos e regalias.

Não era permittido caçar no couto sem licença do D. Abbade. Da Caça Real, era a cabeça de direito real, sua, e castigados os que faltassem a esta obrigação.

*

A subida era difficil, por escalavrado

carreiro, que o prepassar dos tempos e das enxurradas, deixara ora em pedra descarnada, ora em grotas de cascalho solto.

Por detraz de um monte que me dava a alegre esperança de termo do accesso, surgiam outros e outros, e assim por essa forma extenuante, fui seguindo, até attingir uma eminencia, — em que me detive e onde descobri o mais bello panorama que a minha imaginação não podia sequer sonhar!

Via esse immenso valle, por onde segue em linhas tortuosas o rio Minho, que nos separa da Galliza.

De um lado e de outro, as montanhas tocadas de um avelludado azul, em todas as suas *nuances,* que a mais bella coloração atmospherica podia produzir.

Para o sul, Melgaço, Valladares, Monção, Lapella, Valença; em parallelo com Arbo, Caldellas, Guilhamil, Tuy e tantos outros logares; a quebrarem com tons brancos e amarellos, aquella suavidade que me sorria a mais de 800 metros de altura.—Para o Norte, Salvaterra, Orense,

Monforte; e por detraz de mim, a Leste, a magestosa serra de *Pardinello*.

Destacavam-se as antigas muralhas de defeza, e torres de menagem das villas heroicas; as brancas e lindas estradas que as ligam; a verdura macia das terras que atravessam; as linhas ferreas hespanholas; as torres e campanarios de multiplos templos; os antigos solares de muitas gerações extinctas, — reduzidos hoje a casas de lavoura; e para Oeste, a 50 kilometros de distancia, — a linha diffusiva do vasto oceano, traçando o limite entre o céo e a terra.

*

Diz-nos, D. Antonio da Costa que, do alto do Vesuvio, admirou um oceano de cinzas; do Monte Branco, um oceano de neve; que da Ilha Ischia, enfeitiçou os olhos com as impressões napolitanas; embalou-se no lago de Genebra, atravessou os Pyrineus ao raiar d'aurora, por entre as nevoas côr de rosa; viu os Alpes phantasiosos, viu os Appeninos encantadores, mas nada lhe produziu tão viva impressão

como as bellezas que percebeu do Alto do Bom Jesus do Monte.

Eu vi tambem d'este logar essa maravilhosa paizagem que se não descreve: porém, a que se me deparou no alto da serra que me conduzia a Fiães, excedeu-a...

Arrebatou-me!

*

Que contraste! Depois de pequena descida no rumo E., muda inteiramente o scenario. Desapparece o largo e colorido horisonte, e montes desertos, de uma tristeza infinita, se me antepõem aos olhos.

Um vento frio e desconsolado augmenta o mau effeito que no espirito causam aquellas sombras pardacentas, aquella natureza bravia, aquellas choças quasi enterradas no solo, o tom geral brumoso e carregado de uma photographia mal tirada, sem luz, sem tons, sem arte; uma coisa triste e pathetica, como uma genial concepção doreana.

E lá ao fundo, n'uma chapada escura, por entre um grupo de gigantescas arvo-

res, a perceber se mal, n'aquella solidão immensa,— uma molle de pedra indizivel; e em mim a percepção do termo da viagem.

Effectivamente. Estava em frente das lendarias ruinas, do ex-grandioso Real Mosteiro de Santa Maria de Fiães. (1)

(1) Fiães, vem de *Fiam*, *Fiãa*, Fiaam, Spaã, que é tudo o mesmo portuguez antigo, e significa vaso de barro chato e redondo, a que mais tarde se chamou *almofia*, e servia para pagamento de certa medida de cereaes e tambem de manteiga. Dezeseis fiães, faziam um alqueire. Suppõe-se que aqui pagassem esse fôro, pois se dizia: *terra de fiães*.

Em latim, *fiala*. (Constancio).

Quem foram os primeiros habitadores do mosteiro?

Ter que rebuscar origens, nas velhas chronicas dos conventos, é ingrato labor a que satisfatorios resultados nem sempre correspondem.

Do seu confronto nasce a duvida, que nunca se desvanece, por ser tanto mais intrincado o dedalo quanto mais se aprofunda o estudo.

N'esses livros, em que a uncção religiosa devia transparecer, da calma e isenção de seus authores, não é raro ver-se aquella perdida, ou esta apaixonada em controversia mesquinha, para firmar primazias e direitos que nunca existiram. (1)

---

(1) Nota B.

N'estas condições, pouco se pode colligir e aproveitar, e ainda por estarem ineditos os principaes escriptos que a cada passo se encontram citados.

*

Duas são as ordens que por seus chronistas reclamam a prioridade d'aquella habitação.

—A Augustiniana, e a Benedictina.

Aquella foi fundada no seculo quarto, pelo patriarcha Santo Agostinho, de quem M. Villemain, nas suas *Mélanges Littéraires,* diz:—que n'outro seculo, e sob melhor civilisação, não appareceria homem dotado de genio mais vasto e mais facil.

Todas as sciencias tinha abarcado: «escreveu sobre musica, como sobre o Livre Arbitrio; explicou o phenomeno intellectual da memoria, como raciocinou sobre a decadencia do Imperio romano.— Seu espirito subtil e vigoroso muitas vezes consumiu em problemas mysticos uma força de sagacidade, que seria sufficiente para as mais sublimes concepções.»

Deixou 332 obras, cujos magnificos escriptos escaparam ao fogo que os vandalos, quando a cercaram, atearam á cidade de Hyppona. (1)

A morte poupou-lhe a desesparação de ver Carthago, em poder dos Barbaros.

Filho de pae pagão e de Santa Monica, a sua primeira educação levou-o á pratica das maiores estroinices, em Medauro, aonde estudava. Entregou-se á leitura de romancistas, e as aventuras de Enéas, a morte de Dido por excesso de amor para com aquelle Principe Troiano, exaltaram-lhe a imaginação; e os desvios que elle confessou, cresciam como na idade crescia.

Começou depois a convencer-se que era preciso procurar a verdade em outra parte, e só lhe restava o christianismo cuja poesia o atrahia.

A leitura de Platão, preparou-lhe o espirito para os dogmas espirituaes, e ficou completamente abalado, quando os ouviu

(1) Galeria das Ordens Religiosas e Militares. Porto 1844.

pregar pelo verbo ardente de Santo Ambrozio.

As mais bellas paginas de seu livro das confissões, são aquellas em que conta os terrores e combates quando passava das cousas terrenas para as do ceo.

Renunciando ao mundo, distribuiu pelos pobres tudo quanto possuia, e retirou-se para a solidão.

Nomeado Presbytero, mais tarde, edificou um mosteiro similhante ao de Thagasta, de onde sahiram muitos seus discipulos, que por toda a parte dilataram a vida monastica.

*

Assevera o chronista Fr. Antonio da Purificação, da Ordem Augustiniana, que o mosteiro de Santa Maria de Fiães, que está junto ao rio Minho, a distancia de uma legoa da Villa de Melgaço, foi edificado no anno de 870, e chama a seu favor a opinião de Fr. Hieronymo Roman, que na sua *Historia Ecclesiastica de Hespanha,* (1)

(1) Manuscripto.

não declarando o tempo da sua fundação, affirma comtudo, que no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, achou memorias de como elle fôra em tempos antigos de eremitas d'esta Ordem, (1) accrescentando que as achou tambem nos cartorios dos conventos de S. Christovão de Lafões, e de S. João de Tarouca.

Era n'aquelle anno Summo Pontifice, Adriano segundo, ou João nono que lhe succedeu.

Reinava, em parte de Hespanha e de Portugal, o inclito Rei D. Affonso Magno, *com cujo favor e amparo* nos fomos conservando n'aquelle logar, até ao tempo dos Reis Portuguezes.

Mais tarde, roubado e assolado o convento pelos Mouros, (2) Affonso Paes, e dois irmãos seus que professaram, dotaram-o e repararam-o e o deram á Ordem

(1) A existencia dos Agostinhos em Portugal, começou no anno de 393, sendo Arcebispo de Braga, São Profuturo.

(2) Santuario Mariano. Fr. Agostinho de S. Maria.

do Cister (1) que já por esse tempo havia sete mosteiros n'este reino.

Tinha o D. Abbade, grandes proeminencias, as quaes o mesmo chronista não quiz referir para se não deter com *argumento alheio.*

Contesta a asseveração feita por Fr. Leão de S. Thomaz, no prologo das *Constituições da Ordem de S. Bento*, de terem vivido n'este mosteiro frades de habito preto, e argumenta que este habito não convinha aos de S. Bento, mas sim, foi e era mais proprio aos da Ordem Augustiniana.

Parece que n'aquelle tempo, já o habito não fazia o monge.

*

Na Benedictina Luzitana, Fr. Leão de S. Thomaz,—assevera igualmente,—que o mosteiro de Fiães foi, em tempos mais antigos, dos monges pretos da Ordem de S. Bento, e chama a reforçar a sua opi-

(1) A ordem do Cister foi fundada em 1098.

nião, a de Fr. Bernardo de Braga, e Fr. João do Apocalipse, os quaes affirmavam que constava isso de uma escriptura de descambo ou troca que se fez entre o mosteiro de S. Christovão e o de S. Gafey, da Ordem Benedictina, que no cartorio d'elle se conservava:

> «*Especifica o mesmo padre, em suas memorias, que foi fundado o de S. Christovão na era de 889, por alguns annos antes, por ser n'aquelle anno que se fez o descambo.*

(São Christovão, foi o primitivo nome do mosteiro de Fiães, como adiante veremos.)

Em seguida, nota que o auctor da *Chronica Augustiniana* chamou seu a este convento, o que contesta e espanta-se de tambem não ter feito de sua Sagradá Religião, um outro de freiras Bentas, que ficava proximo ao de São Christovão, e se chamava de S. Pedro de Morufe.

Depois explica com graça a causa da morte d'este mosteiro,—que foi a pobre-

za, repetindo a phrase de Diogenes: *paupertas non parua agritudo est.* A pobreza é grande doença;—isto depois do mosteiro ter tido em seu principio a liberalidade christã, como mostrava pelo distico seguinte:

Quas pietas jungens Moniales pristina ditae
Pauperies delet petre Morufe tuas.

Exalta-se por não succeder o mesmo ao de Fiães, que era mais antigo, e estava fronteiro á Galliza, onde as guerras entre Portugal e Castella andavam accezas, servindo o mosteiro de castello, em defeza do Reino, mostrando-se os *padres Cisteriencis, tão devotos no choro como Moysés no campo, e rebates tão valorosos como Josué, tendo por seu capitão ao glorioso São Christovão governador das armas d'aquellas partes.*

Não quiz Fr. Leão, ter a percepção de que tudo n'este mundo acaba, e que a doença que feriu de morte o mosteiro de Morufe, tornar-se-hia epidemica para aquellas cazas, como o attestaram o de

Fiães, e muitos outros para quem a pobreza tambem foi grande doença.

*

O P.e Carvalho, na sua *Corografia*, assegura que o mosteiro foi de monges Bentos, no reinado de D. Ramiro primeiro, e de sua mulher D. Paderna, da qual suppõe ter tomado o nome o Valle de Paderne; e admitte, por isso, que se ella não foi a fundadora d'este mosteiro, foi então do de S. Payo, que existiu no mesmo termo de Melgaço. Isto pelos annos de 851, do que encontrou noticia, sendo aquelle referido mosteiro um dos primeiros d'esta ordem que houve em Hespanha.

(1) O anterior titulo foi, São Christovão de Fiães, e como pelos annos de 1150 houvesse entrado em Portugal a *Reformação da Ordem do Cister*, — para a qual passaram os de São Christovão de Lafões, e de Santa Maria de Bouro, ambos de ere-

(1) *Santuario Mariano.*

mitas de S. Agostinho, (1) — cujos filhos, deixando o habito preto, vestiram a branca cogula de São Bernardo no anno de 1159: este de São Christovão de Fiães; — levado tambem pela fama de grande santidade dos novos filhos de São Bernardo, que haviam vindo de França, — que tambem foi a melhor coisa que de lá veiu, diz Fr. Agostinho, em parenthesis, — se passaram á sua Ordem, e accrescenta:

> «*Como o exemplo, que é muito poderoso, dos Eremitas, assim os de São Christovão de Lafões, onde era prelado o nosso Santo Frey João Cerita, como o de Santa Maria de Bouro, mandaram o prior do Convento de Fiães e dois religiosos a pedir aos filhos de São Bernardo a relação de seus Estatutos, e modo de vida, e a que dar obediencia ao seu Abbade.*

(1) Já no tempo dos Godos os benedictinos estavam espalhados no Minho, e n'elle se conservaram durante o dominio arabe.

E' de crer que ficando-lhe o Convento do Bouro tão visinho,.a elle recorressem, e que d'elle se lhe mandasse algum religioso para lhe praticar o modo de sua vida e Santa Reformação. E desde então até ao presente ficou esta casa de Fiães sujeita á Ordem do Cister.»

Depois que receberam a reforma Cisteriense, tomaram para padroeira a Virgem Maria, pela grande devoção que São Bernardo lhe tinha, e deixando o antigo titulo de São Christovão, passaram a denominar aquella casa: — Santa Maria de Fiães; — assim como é de tradição antiga que os mesmos eremitas, quando voltaram monges, trouxeram comsigo uma imagem da Senhora de Fiães, a qual era de pedra branca, com guarnições de ouro, tendo sobre o braço esquerdo o Infante Jesus.

Tinha de altura quatro palmos.

Apoz a vinda d'esta Santa, começaram-se a operar os milagres n'aquelles que com fé viva a ella recorriam.

Diz mais:

«*Esta Santa Imagem, já hoje não existe, que a devia acabar o tempo; foi muito grande incuria d'aquelle mosteiro não a mandar reparar, por que a cabeça e mãos, que eram encarnadas, não se podiam desfazer, e o corpo podia se concertar com algum betume, de gesso pó de pedra com cera. Depois mandaram fazer outra, que collocaram em seu logar.*»

Parei. Deixei o animal em que montava, e, a pé, comecei por trilhar uma extensa e larga alameda de castanheiros, olmos e carvalhos, sobre o chão claro e plano, que forma a antiga via principal do mosteiro.

Ao centro, ha um cruzeiro moderno de pedra, com a data 1875! Representa uma columna, tendo no alto uma pequena cruz com duas imagens regularmente esculpturadas, e de costas entre si.

Esta parte, é pintada e dourada de pouco, e a sua conservação está de accordo com a mesma data.

Achei exquisito aquelle luxo, em contraposição com tanta coisa abandonada que o rodeia.

No fim da alameda, e em seu parallelo,

ha uma fonte de excellente e frigidissima agua, com bancos formando circulo.

Convida o logar a descanço e meditação.

Seguem-se as ruinas.

Da torre, que devia ser grandiosa, restam alguns metros de grossas paredes, formadas de grandes pedras desconjuntadas, tendo, mesmo assim n'ellas cravado, o enorme sino que ainda tange para o serviço da egreja.

Havia n'este logar uns vestigios de muralha, que foram propositalmente demolidos para a construcção do cemiterio que hoje alli existe, o qual é fechado por moderna grade de ferro.

Agora, o templo.

A frente de granito, que o tempo depois de ennegrecer decorou com manchas roseas, é de estylo simples e severo, predominando o gothico, de mistura com outros que as reconstrucções lhe introduziram.

Tem diversas fileiras de cantaria, — a que chamam gigantes, — a toda a altura, e alguns degráos para o portal, que é do mesmo estylo, pouco ornamentado, sobre

o qual, em tres nichos, vêem-se as estatuas de pedra de Santa Maria, São Bento e São Bernardo, finamente trabalhadas, sendo de grande delicadeza as mãos e roupas da primeira.

Por cima, em grupo de largas dimensões, o brazão arcebispal, tendo á direita o de Portugal, e á esquerda o de uma rainha nossa que foi da casa de França.

Aquelle tem a cobril-o a mitra e o baculo, e este as respectivas corôas.

No adro, que contorna o edificio, ha grandes carvalhos seculares, achando-se o que enfrenta o portico fendido a meio por faisca, que o dilacerou ha muito, vendo-se ainda a sua vestutez. (1)

---

(1) Tinham os frades Bernardos grande predilecção por estas arvores, por que n'ellas, — diz Fr. Bernardo de Brito (*) na Chronica do Cister,— se inspirava São Bernardo, e quando perguntado onde estudara os sublimes conceitos que escrevia sobre o texto da Escriptura Sagrada, respondia: —que nos carvalhos e brenhas do Cister, lhe communicava o Senhor os altos entendimentos que liamos em suas obras.

(*) Nota C.

Existem tambem de pé as paredes frontaes de uma parte da ala direita do convento, a qual, como o requeria o logar, que é de grandes ventanias e temporaes, tem fortes cantarias.

As janellas e portas são de pequeno formato e sem nenhuma importancia architectonica.

Eram por detraz os claustros, dos quaes ainda se vêem algumas elegantes e finas columnas, sustentando aqui um arco, alli um resto de flecha, e além formando monte.

São bem lançadas as curvas e dignas de attenção.

Existem tambem, dispersas pelo terreno transformado em campo de lavoura, paredes com restos de janellas, hombreiras, escadas, e o logar da fonte que abastecia o convento.

Examinando a area larga por onde se estendem os vestigios das construcções extinctas, é que se pode avaliar a grandeza do antigo mosteiro, do qual diz o Padre Carvalho Costa, — que a fabrica e cellas dos religiosos foi *cousa grande,* du-

rante muitos seculos em que alli viveram os monges.

Tinha o D. Abbade capella particular, — chamada abbacial, — a qual está assignalada por pedaços de grossos muros mal conservados.

Alli, em um altar, veneravam-se as imagens de Nossa Senhora da Conceição, de grande formato, e outra menor, de S. Bernardo.

Havia dependencias especiaes para as audiencias publicas, casas de albergue alpendradas, e um corpo de edificio do uso e estado independente do superior. Era na grande sala da presidencia que se resolviam os negocios do convento, na presença do escrivão de Valladares, que lavrava os prazos, fazendo constar essas formalidades com grande cerimonial.

Em 1652, o Ouvidor da Comarca e Correição de Valença, reconheceu estar o mosteiro de posse immemorial de fazer Juiz do Civel no seu Couto, por votos do povo, assistindo o D. Abbade em virtude de seus previlegios e doações, e mandou por documento que uzassem da sua jurisdição.

*

O mosteiro era completo, com casa capitular, refeitorios, penitencias e bibliotheca que, conjunctamente com o archivo, desappareceu em um dos incendios.

Foram elles a causa da sua total ruina, pois que com o archivo desappareceram todos os titulos de suas rendas.

Foi Alvaro d'Abreu quem, em nome do mosteiro, pleiteou os sonegados com pessoas poderosas, obtendo ainda alguns recursos para o convento. Talvez isto influisse para que o Papa Innocencio XXII passasse em 1698 a sua *Paulina* ou Breve contra os que sonegassem os bens da Ordem de Cister.

Tal foi a miseria a que ficou reduzido, que não lhe restava com que sustentar oito frades, deixando de pagar por isso, de suas rendas, os quarenta mil réis á Capella Real, e vinte e cinco ao convento do Desterro de Lisboa.

Antes, viviam oitenta frades de missa, além dos conversos, os quaes em *Laus-*

perenne assistiam dia e noite, continuamente no côro.

Tão exemplar foi a sua vida, que eram tidos por santos, chegando a attribuirem-se-lhes muitos milagres.

Devido a isto, aqui foram enterrados alguns principes, que fizeram largas doações ao mosteiro, assim como tres infantes e muitos fidalgos da Galliza e Portugal.

Seguem-se velhas casarias ou choças assobradadas, que são hoje a residencia do Reitor. Na frente d'estas, e ao lado do adro, existem ainda umas depressões no solo por onde se escoam fios de aguas sulphurosas, que são os vestigios dos antigos banhos que alli havia.

Diz Fr. Agostinho de Santa Maria, — que foi devido a um milagre de Nossa Senhora, que ellas appareceram. Vinha povo de longes terras lá banhar-se, e tal era a virtude que as aguas tinham, que todos voltavam sãos.

Particularmente, no dia de São João Baptista agglomeravam-se os enfermos e, na ancia de encontrarem remedio para

seus males, criavam disputas e desordens, chegando estas a tal ponto que não raro era succederem-se ferimentos e mortes.

Resolveram então as auctoridades entulhar os banheiros, terminando para sempre a causa de tantos disturbios.

Apezar d'isso, ainda lá vão ou mandam os doentes, buscar, dos fios d'agua que escorre, algumas gottas, que bebem e com as quaes se dão bem.

Seria caso para se examinarem as suas propriedades medicinaes, e talvez com pouco dispendio crear-se alli uma pequena fonte de renda para a egreja, que é pobrissima.

*

Achava-se fechado o templo. Emquanto esperava que a bondade do sr. Reitor me franqueasse o ingresso, — sentado sobre o pequeno muro que fecha o adro, — eu interroguei aquelles preciosos restos de tanta magestade passada; — attestados de grandes virtudes de seus antigos moradores, e da fé e piedade dos povos d'aquelles tempos; e as palavras que me vieram

á mente foram as mesmas que Pinho Leal poz no seu grandioso trabalho:

> «*Quem foi, ó solitario e respeitavel mosteiro, que assim desmantellou tuas robustissimas muralhas, que pareciam desafiar a acção corrosiva de seculos de seculos? Quem destruiu teus sagrados altares? Quem aniquilou tuas esculpturas primorosas? Quem desterrou tuas santas imagens? Quem com tal iniquidade te transformou de um primor de arte, em um montão de ruinas? Não foi a tua vetustez, não foi o incendio, não foi o inimigo estrangeiro sanguinario e implacavel; mas foi cousa peior do que isso! Foi a indifferença, o abandono e a descrença.*»

*

Entremos. Estamos n'um templo de estylo gothico, onde predomina a tristeza e a escuridão. Tem tres naves.

Duas ordens de robustissimas columnas

de granito, de remota antiguidade, formam a nave central da egreja. As cornijas e as cimalhas são ornadas com figuras mais ou menos phantasticas.

Os arcos, largos e bem lançados, com elegantes archivoltas, teem grande imponencia e vão até aos frechaes do tecto, que era de madeira apainelada.

O tempo destruiu-o, e hoje, a telha vã que os ventos separa, faz que, atravez do seu arrendilhado, se veja o azul do céo, e se escoem as chuvas que hão arruinado o pavimento.

As columnas, que sustentam o arco da frontaria, estão cortadas com arte, a alguns metros do solo, o que lhe dá apparencia de uma arcaria suspensa.

O altar principal, assim como os lateraes, teem a obra de talha bem estragada, e parecem pequenos para o tamanho do templo.

Na capella mór, ha um retabulo pintado e dourado, e no throno a imagem de Santa Maria, e diversas.

No altar de S. Bento vê-se tambem um retabulo menor.

Esta imagem era, até ha bem pouco tempo, visitada pelas populações dos contornos durante o anno, e, particularmente, no dia em que a egreja venera o santo, por ser de grande devoção e muito milagrosa.

Ha ainda diversos altares com as imagens de S. Sebastião e outras.

O d'este santo, que era da confraria das almas, foi feito privilegiado em 1716, por breve do papa Benedicto XIV.

O pulpito é de madeira entalhada, com a folhagem alta.

O grande côro tem a mesma simplicidade e robustez que se nota em todo o edificio.

Dos tumulos, o unico que existe é o de Fernão Annes de Lima, pae do primeiro Visconde de Villa Nova de Cerveira, o qual se suppõe ter sido sepultado pelos annos de 14?0. (1) E' de magnifico aspecto, de granito levantado, com as armas

(1) O titulo foi dado por El-Rei D. Affonso V a D. Leonel de Lima, filho do citado Fernão Annes de Lima, fidalgo illustre da Galliza, que se

sobrepostas, e assente sobre dois supportes que terminam em cabeças de fórma humana.

Este tumulo foi primitivamente collocado junto á capella de S. Sebastião. Hoje acha-se á direita de quem entra, arrumado para um canto, como as coisas inuteis e incommodas, (1) o que não admira, por que a egreja é o deposito de todo o material para enterros, guarda de madeiras imprestaveis e coisas velhas amontoadas.

Nenhuma responsabilidade d'isto cabe ao actual Reitor, que ali se acha ha pouco tempo, e tudo encontrou n'estas condições.

Apezar do pessimo estado em que pára o templo do antiquissimo convento, essa obra de magestosa fabrica, *tão digna da attenção dos curiosos,* como muito bem diz Baptista na sua *Chrographia moderna,* serve ainda de egreja parochial, e n'elle se celebra o culto divino.

---

passou a este reino em tempos de El-Rei D. João I, o qual lhe fez mercê de muitas terras. — *(Corographia Portugueza.)*

(1) Nota E.

A antiga freguezia de Santa Maria de Fiães, da Ordem de São Bernardo, cujo parocho era titular da freguezia, cabeça do couto de Fiães, no termo de Vallada-res; — hoje é reitoria.

O mosteiro de Fiães foi tão rico de rendas e senhorios que teve nas provincias do Minho, Traz os Montes e Galliza, que vulgarmente se dizia: — não haver alguem tão poderoso como o Dom Abbade de Fiães, depois d'El-Rei.

Teve vinte abbadias de sua apresentação, *in-totum* ou com voto *in-parte,* e muitas na Galliza, das quaes uma era Padrende. Entre outras, havia Lamas de Mouro, Christoval, Chavaes, Santa Maria da Porta da Villa, Rouças em Melgaço, e Villela nos Arcos. Ultimamente, só lhe restava Christoval.

Em 1797, ainda tinha bens e casaes nos seguintes logares, como consta de documentos existentes na Torre do Tombo:

Couto de Fiães, Villa de Melgaço, e

freg.as de Santa Maria de Paços, Santa Maria Magdalena de Chaviaes, S. Martinho de Christoval, Santa Maria de Roussas, S. Lourenço de Prado, S. João Baptista de Remoães, S. Payo, S. Martinho de Alvareda, S. Salvador de Paderne, S. Thiago de Penso, Santa Maria de Castro Laboreiro.

Monsão seu termo, e freg.as de Santa Eulalia de Valladares, S. João Baptista de Sá, S. Miguel de Massegaes, S. Salvador de Ceivaes, S. Cosme de Podame, e S. Martinho da Parada.

Valença seu termo, e freg.as de S. Salvador de Gafey e S. Christovão de Gondomil.

Arcos de Val de Vez e seu termo.

Vieira, freg. de S. João Baptista do Mosteiro.

Lanhoso, freg. de S. Estevão de Geraz.

Felgueira, freg.as de Santa Maria de Revinhade e S. Thiago de Rande.

Amarante, freg. de S. Verissimo.

Louzada, freg. de S. Eulalia de Barrosas.

Ribeira da Pena, S. Salvador de Fiume.

Tinha muitos coutos que os commendatarios aforaram a fidalgos.

A Real Casa de Bragança pagava-lhe um florim de ouro pelos logares de Villarinho, Fezes Juzão e Mondim, visinhos de Monte Rey, e pelos padroados das egrejas d'estes logares.

Na Galliza, tinha o de S. Breyxono; junto do Alhariz, o de Gojunde; Asperello, Gaceiros, e Requeixo em Entrino; Rio Frio em Vigo, assim como muitos casaes e granjas que pagavam foros ao convento.

Os logares de Breyxono, vieram-lhe porque sendo dos Senhores da Casa de Sandias, os senhorios da de Parada de Outeiro e alguns logares da de Guilhamil, até ao tempo de Ruy Sandias, teve este duvidas sobre os termos, com João Rodrigues de Biezma, que tinha grande poder e valimento junto aos Reys de Castella, — *o que já n'aquelle tempo era o melhor direito,* e conseguiu levar-lhe o Senhorio de Guilhamil.

Valeu a Ruy Sandias, o amparo de Dom Fradique, Duque de Benavente, isto pelos annos de 1381.

Fernão Peres Sandias, irmão d'aquelle, recolheu-se ao mosteiro de Fiães, onde morreu, e fez-lhe doação da jurisdicção de Breyxono e outras fazendas que lhe couberam em partilhas, outorgadas em 1386, depois da batalha de Aljubarrota, pelas quaes cobrava o convento seiscentos maravedis de prata até ao anno de 1640, em que, com a separação de Castella, foram restituidos. (1)

*

O Dom Abbade, ou seu substituto, tinha *Jurisdicção Episcopal Metropolitana*, immediata ao Papa, não podendo o Arcebispo de Braga, visitar-lhe os subditos. (2)

A mesma jurisdicção tinha na Galliza, no Bispado de Tuy, além do Rio Trancoso, nos logares de Lapella e Azureira. (3)

Os *Breves Apostolicos*, recebia-os o pro-

(1) O *Dicc. Abrev*, de J. A. Almeida, explica que aquella quantia continuou a ser paga depois da guerra da acclamação.

(2) Nota D.

(3) Sobre isto, houve varias sentenças contra o Arcebispo de Braga, e Bispo de Tuy.

visor, — um religioso da casa nomeado pelo Dom Abbade.

Os Abbades de Fiães foram:

D. João, a quem na era de 1153 fizeram Affonso Paes, seus irmãos, irmãs, parentes e outros, doação do couto de Fiães e da Rompelha, e D. Affonso Henriques, em 1178, de tudo quanto tinha em Melgaço, até Chaviães.

D. Domingos, 1216.

D. João, 1218.

D. Pedro, 1218.

D. Fernando, 1221 a 1222.

D. Pedro, 1222 a 1223.

D. Martinho, 1226 a 1227.

D. João, 1227.

D. Pedro, 1228 a 1234.

D. João, 1235 a 1243.

D. Fr. Diogo, 1256.

D. Fr. Gonçalo Pires, 1259 a 1268.

D. Fr. João, 1271. N'este anno fez um contracto com D. Romano, Prior do mosteiro de Paderne, 1273 a 1274.

D. Fr. Martinho, 1280.

D. Fr. João, 1282 a 1285.

D. Fr. João Franco, 1321.

D. Fr. Egas, 1324.

D. Fr. Domingos, 1349. Fez contractos com Gonçalo Pires, Abbade de Roussas.

D. Fr. João Franco, 1457 a 1459.

D. Fr. Diogo de Leiria, 1490 a a 1527.

D. Fr. João de Coz, 1431 a 1554.

D. Fr. Bernardo do Espinheiro, 1154 a 1600.

*

D'esta data em diante, os abbades passaram a ser eleitos de tres em tres annos, em capitulo geral, conforme o Breve Apostolico de Pio V, logo que a ordem de Cister deixou de estar sujeita ao mosteiro de França, de accordo com o pedido já feito por El-Rei D. Sebastião.

Era na presença do Dom Abbade, que, em janeiro, os moradores do logar elegiam o Juiz e Procurador, para o que vinham dois tabelliães de Valladares.

O Abbade era Parocho, e um frade, cura.

A renda do mosteiro foi, nos ultimos annos, de cerca de um conto de réis de dizimos proprios.

Tinha cento e vinte e dois visinhos, que foram augmentando até chegar a 960, que eram ultimamente.

Existe ainda uma aldeia, perto da raia, com o nome de Alcobaça, creada pelos frades, em satisfação a terem passado á ordem de S. Bernardo, e honra á Capella Capital, a qual data d'esse tempo.

Na era de 1174, Gomes Minhos deu ao convento de Fiães muitas herdades em Roussas.

Nota Pinho Leal, que não se menciona a freguezia de Fiães, no *Portugal Sacro,* de Paulo Diniz de Niza. Não é para admirar, por que muitas outras lacunas encontrei n'esta obra, cuja primeira parte foi publicada em 1757, e a segunda e terceira em 1768.

Em informação especial, que me forneceu o actual Reitor, o sr. Padre Antonio Esteves, o registro da Parochia remonta ao anno de 1690, não tendo havido interrupção alguma n'este serviço.

A egreja de Santa Maria de Villela das Chosas, da apresentação do mosteiro de

Fiães, era do Padroado Real, erecta e fundada pelo mesmo mosteiro.

O de Harumello, era tambem filiação d'este.

*

Tentaram as auctoridades portuguezas por diversas vezes, passar sobre os privilegios do convento, sendo sempre mal succedidas.

Em 1730, o coronel Francisco Ayres de Vasconcellos, mandou fazer recrutamento no couto de Fiães.

Dirigiu se o Dom Abbade ao General Commandante em Valença, com todas as suas prerogativas, e as seguintes allegações:

> « *Que não podiam ser fintados os moradores do seu couto, nem obrigados por forma alguma a serem soldados, por que o sobredito couto, era terra esteril e montuosa, a qual, colonisando-se, não dava aos mais ricos, para seis mezes, e tão grande era a sua pobreza, que, para se manterem e a suas fami-*

lias, iam pais e filhos todos os annos, trabalhar no Reino de Castella.

«*Os bois que tinham, eram por emprestimo de pessoas ricas da Ribeira, e que se passavam muitos mezes, em que se alimentavam apenas de hervas agrestes e sem sal por não terem com que o comprar; e que apezar de sua notoria penuria, sempre se houveram no serviço de Sua Magestade, durante as guerras, com todo o valor e fidelidade, estando em baixa sala, e distante das praças, que os podessem defender contra a invasão do inimigo, ao qual muitas vezes accommetteram, destruiram e causaram vergonhosa fugida, com grande honra da Coroa.*

«*Que depois de rendida a praça de Monsão, pagando todos os moradores da Ribeira, tributo como avindos ao inimigo, os sobreditos nunca se sujeitaram a isso; e que sendo sempre roubados, por não*

terem defensa alguma, foram para o todo o sempre desamparados.

«Portanto, não podiam ser obrigados, se não em occasião que pessoa Real, fosse a alguma conquista fóra do Reino, como succedeu passando á Africa; o que tudo era de Justiça, por que os seus privilegios, mereceu-os S. Bernardo, alcançando do ceo muitos augmentos a este Reino.»

Mandou então o General intimar a todos os Governadores das praças, que respeitassem os privilegios do convento, por serem essas as vontades Reaes.

D. João V. em 1748, fez a mesma recommendação, assim como o rei que lhe succedeu.

Em 1777, reclamou outra vez o convento perante o Capitão Mór de Valladares, contra os generaes e governadores das fortificações, que se utilisavam dos carros dos moradores do couto, para as obras das fortalezas; - sendo immediatamente attendido.

Até ha bem poucos annos, faziam-se aqui grandes festas no dia 11 de Julho, em honra do patriarcha S. Bento.

Havia um pittoresco arraial, ao qual affluiam milhares de pessoas, vindas das aldeias gallegas.

Em 1749, permittiu D. José, que houvesse feira publica junto ao mosteiro, no dia 13 de cada mez, onde se negociassem gados e o mais.

Tudo isto desappareceu.

O movimento politico que vai de 1828 a 1834, não podia ser indifferente a sorte do convento Fiães.

Em Fevereiro d'aquelle anno, desembarcava D. Miguel em terras portuguezas, e a canalha, n'um enthusiasmo desenfreado, acclamava-o rei envolvendo no triumpho o desrespeito, pelo irmão.

Os frades, morgados e capitães móres, batiam as palmas, e respiravam desafogadamente, livres do medo em que viviam.

Começava para os outros o reinado da tyrannia;—estava por terra a Carta.

O minhoto era liberal; e o transmontano absolutista, e estas ideias estendiam-se até aos conventos das localidades.

Os bandos formados de soldados desertores e de bandidos, desciam da Falperra

e atacavam as propriedades, com gritos sediciosos, e vivas a D. Miguel, implantando o terror e fazendo ao mesmo tempo proselytos.

Os padres, no pulpito, perdiam a compostura, e apostrophavam contra os pedreiros livres, pedindo forca para os exterminar.

O Papa reconhecia em 1830, D. Miguel, como rei ligitimo.

Nos conventos, o delirio chegava á idolatria . .

Cavavam inconscientes, a sua ruina.

Os revezes que se seguiram a 1834, fizeram emfim, que em Maio d'esse mesmo anno, D. Miguel — perdida a causa — sahisse de Portugal.

D. Pedro, vencedor, não podia ficar indifferente perante um inimigo terrivel alastrado por todo o reino. (1)

Decretou logo, no mesmo mez, a extinção de todas as casas Religiosas das Ordens Regulares, ficando os bens dos conventos incorporados aos proprios da

(1) Nota F.

Fazenda Nacional; — os vazos sagrados e paramentos do culto divino seriam divididos pelas egrejas mais necessitadas das diocesses.

Os Religiosos ficavam com uma pensão do Estado. Exceptuavam-se os que tivessem tomado armas contra o Throno Legitimo, ou contra a Liberdade Nacional, e os que, em favor do usurpador, abusaram do seu ministerio, no confessionario ou no pulpito, os que acceitaram emprego do governo; que denunciaram ou prejudicaram os seus concidadãos, por seus sentimentos de fidelidade ao Throno Legitimo; e os que abandonaram as suas casas depois do restabelecimento do throno da Rainha.

Em vista d'estas disposições regias apresentaram-se no mosteiro de Fiães, em Julho do mesmo anno, o escrivão do conselho e mais auctoridades, e intimaram aos dois unicos frades que appareceram ou que existiam, a darem a inventario tudo quanto fosse pertencente ao convento; obrigando-os a prestarem juramento previo.

Eram os dois religiosos Fr. Antonio

d'Abreu e Fr. Antonio d'Azevedo, que de tudo deram noticia e apresentação.

Levaram tres dias a relacionar e pôr em ordem os papeis do archivo.

As pratas, não appareceram, parece que por não havel-as, e não por que tivessem ido para a *santa causa,* como muitas outras de varias casas.

Alem dos edificios, imagens e alfaias já estragadas, haviam os velhos e carcomidos moveis, celleiros desertos e adegas vazias.

*

Depois do arresto, começaram o tempo e o homem a sua obra de destruição.

Primeiro foram os telhados que ruiram, depois os pavimentos que se deslocaram e por ultimo as paredes que cederam.

Veiu então o pregão, e pôz em almoeda todos aquelles restos de passadas grandezas.

O Governo, para acabar mais depressa com este trambolho, que com certeza podia influir sobre o credito do paiz no es-

trangeiro, mandou pôr em praça as venerandas ruinas, para serem vendidas *por todo o preço.* Como não apparecesse licitante para tão grandiosa fabrica, e em tal sitio, foi novamente em detalhe a pedra das paredes, columnatas, arcaria, telhados, portas, janellas, varandas de ferro, etc.

Faço justiça á indignação de Garrett, quando disse a proposito da venda de Paço de Sousa, hoje tornado proprio nacional:

> «*Um ministro portuguez que se atreve a mandar pôr em almoeda uma reliquia d'aquellas, não sei com que o compare. Com o prodigo sem vergonha que manda á feira da ladra os retratos de seus avós. Que tira d'ahi o miseravel? Com que comprar uma sardinha, talvez. Viveu um dia mais e deshonrou-se para sempre.*
>
> *(Camões, nota G, seg. edic.)*»

Era tempo de me affastar das ruinas do mosteiro que tanto floresceu no duodecimo seculo, como nol-o attesta Fr. Thomaz da Encarnação na sua *Historia Ecclesiastica de Luzitania.*

Tudo se preparava para uma retirada triste. O cançasso, o desalento, essa impressão doentia que nos transmittem as tradições das coisas e factos nos logares aonde ellas e elles se passaram, e o dia que findava.

Eu sei, que, perante a grandeza inventiva do nosso seculo, aonde não ha diques para as maravilhas da electricidade, do vapor, da mechanica e de tantas outras sciencias, tudo quanto a imaginação humana produziu nas eras passadas, não surprehende.

Porém, a nossa alma é propensa a influenciar-se pela melancholia das coisas que se extinguiram; pelo reviver mental do que foi grandioso, e pelo confronto entre o esforço natural e heroico do homem antigo, e esse *tour de force* do estudo e do progresso evolutivo do homem moderno.

E é d'esse aperfeiçoamento actual do nosso sentir que agora começa a apparecer o respeito e a admiração por tudo quanto nos falla das nossas tradições, — não nas classes cultas, o que é vulgar, — mas na intuição das inferiores.

Oxalá o aproveitemos, com leis que obriguem a conservarem-se os nossos monumentos historicos, que são ainda o melhor que temos para mostrar aos nossos filhos e aos estrangeiros, como prova physica da nossa gloriosa historia.

*

Já no alto da montanha, por onde começa a aspera descida, que nos leva á Villa de Melgaço, um derradeiro olhar

meu cahiu saudoso sobre as sombras contornadas do decrepito mosteiro, cujos carvalhos agitados pelo vento, como que suspiravam, talvez, pelas coisas que a minha phantasia tinha revivido.

No horisonte,—igualando o fundo de uma aguarella artistica,—a luz combinava-se em côres de primoroso effeito, e, para nada faltar ao poetico da hora e do logar, batiam as *Ave Marias* em uma das longinquas ermidas da serra, com o mesmo vagar monotono com que eu começava a descer a ingremez dos montes.

*

Estava cumprido o meu voto.

NOTAS

Nota A

Já ha annos, vi no *Panorama,* um artigo do eminente escriptor Gomes d'Amorim, em que comparava o Porto, com aquella cidade depois destruida; por ter um povo commercial, maritimo e guerreiro, cujas virtudes fizeram da invicta portuense o berço classico das liberdades patrias.

Civitas Carthiginis es! exclama S. S.ª O Porto é a Carthago moderna; onde a misserima *Dido buscava em vão o profugo Dardanio.*

E cheio de receios pelo seu futuro, accrescenta:

«*Oh! Porto Porto! que gloriosas recordações se ligam á tua histo-*

ria! Oh! minha Carthago, quem sabe se eu verei ainda um novo Mario, vir assentar-se sobre as ameias derrocadas de teus velhos muros, e chorar as vergonhas da sua patria entre os combros de tuas ruinas venerandas! Quem sabe se algum dia, a esta hora do crepusculo, n'este mesmo logar de onde admiro agora tuas soberbas torres, virá o menestrel desconhecido encostar-se a um troço de columna, e cantar, com amarga saudade, a desapparição de tuas grandezas.

Pondo de parte a belleza litteraria d'estes conceitos, que propositalmente transcrevo para não tirar-lhe o sabor aformoseado do estylo, achei-os mal adequados, por se não coadunarem com a realidade dos factos.

E foi por isto, que deixei de incluir no meu voto, a parodia ás lamentações de Mario, que já eram em demasia no meu espirito, e onde mais nenhum effeito romantico produziam, tantas e tantas vezes

me teem apparecido, nas mais bellas producções litterarias dos nossos melhores escriptores, como em conhecidas obras sahidas dos prelos estrangeiros e devidas a pennas illustres.

Nota B

Com quanto pouca relação tenha com o mosteiro de Fiães, a seguinte nota que tirei do mesmo auctor, ella vae ao, menos, como curiosidade para dar idéa das contradições constantes em que viviam os chronistas das Ordens Religiosas.

Diz Frei Agostinho de Santa Maria, que quando asseverou, — no segundo tomo de sua obra, — terem sahido da Casa Recoleta das Berlengas, da Ordem de São Jeronymo, alguns monges para reformarem outras ordens como foram as de Thomar e Cister, o fez tomado na opinião do Padre Mestre Frei Joseph de Siguença (chronista d'aquella ordem) porém que Jorge Cardozo, no seu texto (não diz qual) fallando nas grandes virtudes e prendas do Governo de Frei Antonio Moniz, que

reformara o convento de Alcobaça, não encontrara noticia alguma d'esse Religioso, e julga exagerada a opinião de Siguença, pois tal Reformação nunca houve.

Cita em seguida um breve de Alexandre IV, que exalta aquella casa como modelo de correcção e governo, e conclue do que dizia o Oraculo da Igreja o Summo Pontifice, que ella nunca precisou que outros a reformassem, e que, portanto, o Padre Siguença para engrandecer a sua ordem, tinha infundadamente feito tal asseveração, o que vinha contestar para que se soubesse que o convento de Alcobaça e toda a religião do Cister, não necessitava de alheias doutrinas e reformações; terminando por declarar, que, tambem, a *Corografia Portugueza* do Padre Carvalho, refere muito diversamente os principios do convento de Fiães, por falta de inteira noticia.

Ora Siguença, no cap. XXX, pag. 153, da terceira parte da *Historia da Ordem de S. Jeronymo,* dirigida a El-Rey Nosso Senhor Dom Philippe, no anno de 1605, diz:

«y fray Antonio Muniz que siendo professo de nuestra Señora de Guadalupe, alcançó licencia del General, para passarse a la Provincia de Portugal, y professó en este mismo convento: y de alli le sacaron para Provincial. Despues el Rey don Juan el tercero le encomendó la reformacion da la casa de Tomar que es de la Ordem de Christus, y fue Prior en ella toda el tiempo que vivio: y desde alli juntamente governava la Ordem de San Bernardo en todo aquelle Reyno.

O que não é precisamente a mesma coisa, que a prevenção de Fr. Agostinho de Santa Maria contesta, com tanto ardor, como tendo sido Muniz o reformador de Alcobaça.

NOTA C

Foi Fr. Bernardo de Brito, de todos os chronistas, o que mais certas e variadas noticias nos deixou.

Por ser interessante, tomei nota e aqui transcrevo o seguinte soneto, que o padre Bernardino da Silva lhe consagrou.

Quando já da eterna melodia,
Em que os Anjos a Deus vivem louvando;
Estava o primeiro Affonso praticando
C'o Capellão mimoso de Maria.

Sinto (Bernardo insigne) lhe dizia:
Ver que se vae c'o tempo sepultando
O que obraste, do mundo triumphando,
E o que eu fiz quando Barbaros vencia.

Perdei, (lhe diz o Santo) esse cuidado
Que outro Bernardo vive já na terra
Em que fiquei ao vivo retratado:

E o que de nossa fama o tempo encerra
Contará por estylo tão louvado
Que vive minha paz e vossa guerra.

Nota D

Pela seguinte procuração, vêem-se as honras e titulos que cabiam ao Dom Abbade.

«*Frey Antonio Cotrim, Protonotario de Sua Santidade e da*

Santa Sé approvado n'este Reino, Dom Abbade do Real Mosteiro de Santa Maria de Fiães, da Ordem de Sam Bernardo, prelado ordinario com Jurisdicção quasi episcopal em So-lidum, *no seu Mosteiro e em todo o seu territorio e nos logares de Capella e Azureira, e no reino da Galliza; Monteiro Mór, Senhor Donatario em todo o couto e seu Mosteiro etc. Pela presente em nosso nome, e d'este nosso Mosteiro deputados e religiosos d'elle abaixo Assignados fazemos e constituimos e nomeamos nosso Legitimo e Bastante Procurador com todos os poderes que por qualquer Ley, Costume ou Assento forem necessarios incluindo-lhe os de substabelecer em um e muitos procuradores e revogal os parecendo-lhe ficando Esta Sempre em seu Verdadeiro e Legitimo Vigor, ao Muy Reverendo Padre Frey José de Santo Thomaz Aquino, subdito da nossa obediencia, para que elle e*

seus substabelecidos possam Requerer alegar toda a nossa Justiça etc. das nossas causas movidas e por mover, em que formos authores ou Reos, e poderão Embargar, Apellar, Aggravar, e Obrar em tudo o mais quanto for preciso the ultima decizão das cauzas e termos Real saptisfeitas do Proprio e Custas e para todos lhe damos os nossos poderes com a Rezerva de Nova Citação e outro Sim concedemos a elle nosso procurador todos os nossos poderes para cobrar e Recadar todas as nossas dividas, Rendas, Foros, Lactuosas, direitos, Dominios, para dar quitações e Autoridade ás compras trocas nomeações e testamentos, Excepto para se fazerem patrimonios nos prazos d'este nosso Mosteiro, e poderá renovar todos os prazos na forma dos Antigos não lhe mudando clauzula ou condições d'elles nem dividir as propriedades para outros prazos e em nosso nome assignar as escripturas

dos Emprazamentos, Rezervando sempre n'elles o nosso prejuizo e de terceiro e das compras Cobrará o Laudemio da terça parte do preço por que forem vendidos, e das que forem trocadas do valor d'ellas, e havendo outra Cauza para fazer Alguma Quita nos ditos dominios, os poderá fazer da Quinta Parte e tudo pelo dito nosso Procurador e seus substabelecidos feito obrado e requerido na forma d'esta nossa Procuração, o havemos por firme e valido para o que Obrigamos os Bens e Rendimentos d'este nosso Real Mosteiro sob os Signaes e Sello nossos, d'elle aos desesete de mayo de mil setecentos e noventa e seis, e eu Frey Francisco de Sá Secretario da Meza Abbadial e subscrevi, Frey Francisco de Sá, Frey Antonio Cotrim Dom Abbade, Frey Sou de Palhares Provisor, Frey Francisco de Magalhães Deputado, Frey Antonio de Abreu, Deputado. Lugar do Sello.

Nota E

A' facilidade criminosa com que a ignorancia destroe as cousas d'arte, é precizo por um correctivo.

Em Paderne, distante oito kilometros de Fiães, existiam no velho mosteiro fundado em 1130 pela condessa de Paterne, — viuva do conde da Tuy, Hermenegilde — do qual foi primeira prioreza, o seu mausoleu e o de seu marido, que tinham sobrepostas as suas estatuas jacentes.

Achavam-se na capella-mór; ella do lado do Evangelho, e elle do da Epistola.

Pois, ultimamente, caiaram as bellas paredes ornamentadas do edificio, e os tumulos atiraram-os despedaçados para o adro, onde servem de bancos.

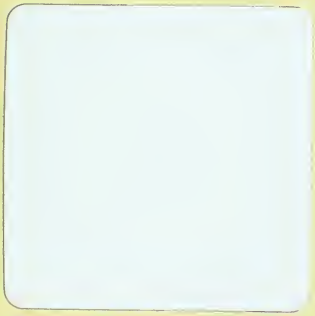
Confrange-nos o coração, a leitura do «*Culto da arte em Portugal*», do Sr. Ramalho Ortigão, em que veem relatados os vandalismos praticados nos nossos monumentos.

Na maneira por que vamos, em breve nada mais teremos de puro valor historico ou artistico.

Nota F

A comarca. – Entre o Douro e Minho, tinha em 1754, cento e trinta mosteiros de frades e freiras, de S. Francisco, S. Bento, S. Domingos, S. Bernardo, S. Agostinho, e S. Eloy.

Diz Gaspar Estaço, nas *Varias antiguidades de Portugal,* que era habitada por mais de cem mil vizinhos, e que, em poucas partes se daria um brado que não fosse ouvido em algum povoado.



GETTY RESEARCH INSTITUTE
3 3125 01498 5341

Livraria Ferreira

132, RUA AUREA, 138 – LISBOA

Extracto do Catalogo

Castilho	Amor e melancolia, ou a Novissima Heloisa — 2.ª edição.... ..	$800
D. Bruno da Silva	A beata d'Evora. Romance historico — (1764-1828)	$500
Boccacio	Contos selectos.....	$500
J. A. Corvo	Contos em viagem. 3 vol.....	1$500
Luiz de Camões...	Comedias	$200
Cypriano Jardim ..	Contos portuguezes..	$500
Silva Pinto	Combates e criticas. 2 vol....	2$400
Amicis	Contos militares	$800
Castilho.....	Diccionario de Rimas	$800
H. O'neill	Fabulas escolhidas...	$800
P. Lobato	Os fidalgos do Coração d'Oiro. 2 vol.....	1$000
G. Crespo	Nocturnos, enc.... ..	1$000
C. Figueiredo . ..	Lições poeticas. 3 vol.	2$100
Shakspeare	Othello – Trad. J. A. Freitas.	$900
Byron	Peregrinações de Childe Herold..... ...	$800
Maria Amalia	Uma primavera de mulher	$500
Bulhão Pato	Paquita	$800
João Penha	Rimas	$800
J. Castilho	Lisboa Antiga. 8 vol..	6$700